

Maradona

Maradona pagou fiança e foi solto pela polícia na Argentina. Sua volta para casa teve o apoio de populares e ele prometeu fazer um tratamento contra seu vício de cocaína.

(Página 12)



TRIBUNA da imprensa

ANO XL - N.º 12.685 - Rio de Janeiro
Segunda-feira, 29 de abril de 1991
Preço do exemplar: 100,00

Mapa da Mina

Como ocorreu no mês de março, os Fundos de Aplicação Financeira (FAFs) deverão apresentar bom desempenho médio, superando a TR projetada de 8,93%. O acordo do governo federal sobre a dívida mobiliária dos estados estabilizou os títulos públicos dos bancos estaduais, baixando as taxas de juros. As bolsas de valores estão em compasso de espera no momento.

(Página 6)

Helio Fernandes

Brasil, uma nação de insatisfeitos

As coisas estão cada vez mais se complicando no Brasil. Em todos os setores. E em alguns aspectos, o que se sabe é gravíssimo, mas a aparência totalmente misteriosa. As complicações envolvem todos os poderes. A insatisfação atinge Exército, Marinha e Aeronáutica. E os que lutam pela defesa dos interesses nacionais ficam marcados como traidores. (Página 9)

Carlos Chagas

O estilo mineiro não está acabado

Muita gente pensava que ela tinha acabado com o desaparecimento de personalidades políticas como Juscelino, Milton Campos, Pedro Aleixo ou Tancredo Neves. Mas a verdade é que o estilo mineiro de se fazer política continua. Seu herdeiro é o governador Hélio Garcia. A sucessão do presidente Collor, cumprindo uma velha tradição, terá que passar por Minas Gerais. O estado renasceu com força no cenário político. (Página 3)



Hélio Garcia

Sérgio Barreto Motta

Riocentro acumula elevado prejuízo

Alguma coisa está errada com o Riocentro. Embora tenha sediado 54 eventos no ano passado - dos quais cinco de âmbito internacional - a empresa municipal teve prejuízo de Cr\$ 39,9 milhões e as perdas acumuladas já se aproximam de meio bilhão de cruzeiros. O prefeito Marcello Alencar deveria examinar as contas da empresa. (Página 7)

Argemiro Ferreira

Ainda a fraude que lançou a era Reagan

É especialmente significativo que nas próprias páginas do austero jornal *The New York Times*, que se omitiu durante anos sobre o assunto, comece a ser reclamada uma investigação, por comissão de alto nível, do que pode ter sido a maior fraude eleitoral da história política norte-americana - a vitória, em 1980, do candidato Ronald Reagan. (Página 10)

José Inácio Werneck

Medidas absurdas num país absurdo

Está na hora do Brasil acabar com a "besteira" de preservar o meio ambiente através de medidas como a proibição das exportações de madeira. A Suécia, por exemplo, conseguiu grande parte de sua riqueza com a exploração racional de suas reservas florestais. A maior poluição que o Brasil possui é a miséria, a ignorância, a subnutrição e a mortalidade infantil. (Página 11)

Paulo Branco

Tensão na caserna preocupa governo

Ciente de que os militares se converterão em fator de perturbação política no segundo semestre por razões salariais, o governo federal iniciou um trabalho de aproximação com as Forças Armadas. A recente palestra do secretário João Maia na Escola de Guerra Naval foi combinada com esta finalidade pela ministra Zélia Cardoso com o ministro da Marinha. (Página 2)



João Maia

Roberto Assaf

Libertadores, a taça mau-caráter

O fato da Confederação Sul-Americana marcar a segunda partida entre Flamengo e Boca Juniors para Buenos Aires é mais uma prova de que a Taça Libertadores da América é um torneio mau-caráter, no qual a influência dos clubes argentinos e uruguaios é mais do que regra. (Página 12)

Editorial

Os israelenses e o telefone da paz

(Página 10)

Piloto brasileiro vence a terceira das três provas da temporada

Senna dispara na liderança

O poder da vitória

Helio Fernandes

O piloto brasileiro Ayrton Senna venceu ontem com sobras o GP de San Marino, e disparou literalmente na liderança do Campeonato Mundial de Fórmula-1 de 1991. Foi a terceira vitória seguida de Senna em três provas da temporada. O austríaco Gerhard Berger, que chegou ontem na segunda colocação, é o vice-líder do campeonato, com apenas 10 pontos. O francês Alain Prost é o terceiro, com nove. Foi um domingo particularmente infeliz para Prost, pois não conseguiu sequer completar a volta de apresentação. Os outros três pilotos brasileiros também não chegaram ao fim da prova, por problemas mecânicos.

(Página 12)



Senna comemora vitória ao lado do companheiro Berger e do novato Lehto

Collor espera o fim das brigas entre assessores

O presidente Fernando Collor advertiu ontem seus ministros e secretários para que deixem de lado as divergências. Embora sem referências diretas, o presidente deixou transparecer que está insatisfeito com as brigas entre os ministros Zélia Cardoso de Mello e Antônio Cabreira e da ministra com o secretário de Desenvolvimento, Egberto Batista. O recado de Collor foi dado durante entrevista a uma emissora de rádio: "Vamos minorar as divergências", disse.

(Página 8)

Metas do FMI são obstáculos a acordo

A rigorosa meta de uma inflação de 2% ao mês é o principal obstáculo que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello - em Washington, desde sábado - enfrentará para fechar um acordo com Fundo Monetário Internacional. Ela se reúne amanhã com a direção do FMI. (Página 8)

Imprensa é ameaçada por traficante

O mafioso italiano Alessandro Cannuci, investigado como o mais novo braço-direito do chefe do Cartel de Medellín, o colombiano Pablo Escobar, ameaçou com um revólver um grupo de jornalistas que tentou entrevistá-lo em sua mansão, em Florianópolis. A cidade tornou-se a nova base no Brasil do Cartel e estaria abrigando também Pablo Escobar.

(Página 3)

Advogado quer cruzado novo com correção

Advogado paulista aconselha quem tem cruzados bloqueados no Banco Central a entrar na Justiça com mandado de segurança reivindicando a devolução imediata do dinheiro. Newton José de Oliveira Nunes sugere, ainda, que as pessoas entrem com ação de cobrança, exigindo que os cruzados retidos tenham seu valor atualizado e corrigido pela variação do IPC.

(Página 7)

FAB admite sabotagem em vôo de Freire

O relatório de acidente aéreo elaborado pelo Ministério da Aeronáutica admite a hipótese de sabotagem na explosão do avião em que morreu o ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, em setembro de 1987. Entre as falhas detectadas, há um defeito não explicado no motor do avião, irregularidades na pista de decolagem e vigilância da aeronave.

(Página 2)



A ministra Zélia Cardoso tenta, em Washington, um acordo com o FMI

BIS

Caymmi: sob o signo de Touro

É tempo de festa na casa dos Caymmi. Hoje aniversaria a filha Nana. Amanhã é a vez de Dorival entrar nos 77 e também comemorar os 51 anos de casamento com Stella Maris. Apesar de não ter uma programação definida uma coisa é certa: música da melhor qualidade não vai faltar neste dia, como em todos os outros, na vida de um dos maiores compositores da música popular brasileira. (Página 1)



Revelações indiscretas sobre Reagan

Quando governador da Califórnia, Reagan era favorável ao aborto, mas percebendo "a auto-indulgência a domicílio" em que tudo se transformara, voltou atrás. O que em parte explica haver pago um aborto para uma namorada, indiscrição revelada no best-seller de Kitty Kelley. Além das preferências sexuais de James Joyce este é o assunto escolhido por Paulo Francis em sua coluna de hoje.

(Página 2)

Dorival Caymmi: arte dos 7 aos 77

Aos sete anos de idade, Dorival - o segundo filho de Durval Henrique Caymmi e Aurelina Cândida Soares Caymmi (Dona Sinhá), nascido na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, no dia 30 de abril de 1914 - era um garoto igual a muitos outros de sua idade (e cidade): mulato e moleque, começava a se alfabetizar e tinha uma paixão especial: desenhar. Com uma exigência: que o lápis fosse o número 2 da Faber, mais adequado aos rabiscos do menino que, já então, *aprontava o sete*.

Amanhã, Dorival Caymmi, monumento e glória nacionais - sem esquecer que dá nome a uma avenida na cidade onde nasceu - chega aos setenta e sete anos. Um número cabalístico, mágico, esotérico, para quem não faz segredo de seu misticismo. Pois sete são os dias da semana, como também são sete as maravilhas do mundo. Sem esquecer que *Sete* (ou *Set*, ou *Seth*) era como se chamava o sempre esquecido terceiro filho de Adão e Eva (só evocamos Caim e Abel). Sete são também as portas da Bahia, como igualmente perduram, no mapa da cidade, a Avenida das Sete Facadas e o Largo das Sete Portas.

Araken Távora

TRIBUNA - Pra você, Caymmi, que é, sabidamente, um homem místico, o mágico número sete significa alguma coisa?

DORIVAL CAYMMI - O sete sempre foi significativo: no plano religioso, místico, matemático. São sete isto, sete aquilo...

TRIBUNA - Sete pecados capitais... CAYMMI (rindo) - Os sete anões... A dança dos sete véus... As sete cores do arco-íris... As sete pragas do Egito... Sem esquecer o musical da Metro, "Sete noivas para sete irmãos"... E um número importante. Agora, se você põe dois sete juntos, que é a idade a que chego, é capaz de dar samba.

TRIBUNA - E para comemorar essas setenta e sete anos, algo especial está programado?

CAYMMI - Em geral, não programo coisas assim, acredito mais no que acontece no presente. Comigo, tudo o que é muito programado no fim falha.

TRIBUNA - Um dia, em 1955, o jovem Dorival Caymmi pegou um ita no Norte e veio pro Rio, morar. Como ficaram, então, as suas relações com a Bahia?

CAYMMI - É impossível esquecer o lugar onde nascemos, passamos a infân-

cia, adolescência, juventude. Então, embora distante, a Bahia está sempre junto comigo. Ela é o assunto da minha vida, da minha música. Quanto à minha vinda, outro dia os jornais noticiaram que dois navios do Lloyd Brasileiro - o "Itaité" e o "Itapé" - estavam retidos em portos no exterior por causa das dívidas da empresa. Eu me lembrei que foi exatamente no "Itapé", que naquela época pertencia à Companhia de Navegação Costeira e que transportava os nortistas e nordestinos para o Sul e levava de volta outros tantos, que eu vim para o Rio. Lembro-me até do dia: sai de Salvador dia 1.º de abril e cheguei no dia 4. Tenho cinquenta e três anos de Rio de Janeiro, filhos, netos e uma bisnetta carioca, posso dizer que, passado todo esse tempo, sou um carioca muito baiano.

Tribuna - Os seus amigos sempre o definiram como um "doce preguiçoso". Augusto Rodrigues, o artista plástico e educador, fez até uma "blague". Segundo ele, você foi quem inventou a rede, só que deitou-se antes de terminá-la. Como você responde?

Caymmi - eu tenho uma preguiça revelada, assumida. Sou preguiçoso e pronto. Aliás, isso é ótio para me livrar de certos compromissos chatos, convites que eu respondo assim: "Nem

quando eu tinha cabelo preto aceitava..." E acrescento um comentário que estou com a barba por fazer, é ora de *rush* no trânsito, etc. Por outro lado, conheço muitos que fazem alarde de muita atividade e que no fundo são uns preguiçosos, também. Mas essa qualidade, esse título, eu reivindico para mim: faço questão de ser preguiçoso. Agora, veja só, os meus amigos mais antigos, mais próximos, baianos, como o Jorge Amado e o Carybé (um argentino convertido em baiano por vontade própria, do qual nos apoderamos e que possui uma baiandade superior à de muita gente nascida lá), são duas figuras extraordinárias, que trabalham muito, andam muito rápido, estão sempre em movimento. O Carybé ainda recentemente comemorou oitenta anos e trabalha mais que um garoto de vinte. Jorge está na Europa, escrevendo mais um livro. Mirabeau Sampaio é outro desses baianos autênticos, personagem de Jorge em alguns de seus romances.

Tribuna - E qual o paralelo que você faz entre a Bahia da sua juventude e a Bahia de hoje?

Caymmi - eu, já na minha juventude carregava comigo um certo medo do que poderia acontecer e que, infelizmente, acabou acontecendo. O progresso transformou tudo, né? Hoje, a eletrônica, os motores, tudo isso, atrapalharam a fala solta baiana na rua, a gargalhada, aquela conversa fiada de um lado para outro. Mas, apesar do progresso, sempre há um segredinho, uma baiandade, que ele não consegue desvirtuar. Então a minha Bahia querida está guardada na lembrança, no meu coração.

Tribuna - Aos 77 anos quais os seus planos para o futuro imediato?

CAYMMI - Não tenho planos partidos de mim, não tenho... A minha idade convida mais ao sonho, à fantasia. Mas eu ainda sou muito solicitado e programado em agendas outras.

Tribuna - Stella Maris, sua mulher, costuma dizer que, muitas vezes, você recusa cachês altíssimos para participar de televisão ou "shows" e aceitar ir de graça, como maior prazer, cantar em festas particulares de amigos seus. É verdade?

CAYMMI - Até certo ponto, é. A gente não pode esquecer as exigências econômicas. Eu já atuei mais ativamente nessa coisa de exibir publicamente. Hoje, não. Não me apetece tanto e nem tenho condições para assumir compromissos de participar de espetáculos que vão ficar em cartaz dois, três meses. Cansa.

Tribuna - Além do compositor e cantor Dorival Caymmi que todo o Brasil conhece e ama, do Comendador Dorival Caymmi que recebeu do Ministério da Cultura da França a comenda da "Ordre des Arts et des Lettres", que é "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal da Bahia, existe o Caymmi pintor, um lado artístico que muitos ignoram. Qual a importância da pintura pra você?

CAYMMI - Usando uma linguagem bem moderna, eu diria que a arte é uma só, tudo acoplado e se manifestando de maneira diferente. Até a comunicação verbal, cara a cara, como esta nossa conversa, é uma arte. O professor que se comunica bem com seus alunos não deixa de ser um artista. Tudo isso é uma arte só, com variadas caras. Para mim, a pintura está muito ligada à música. Quando você imagina uma paisagem que servirá de letra para um músico, essa mesma paisagem pode ser transposta para uma tela.

Tribuna - Você, ao mesmo tempo em que é o autor das melodias de suas canções, é, na maioria das vezes, também o autor das letras. Como é esse processo de criação?



Morando há 53 anos no Rio, Caymmi se considera um carioca muito baiano

CAYMMI - No meu caso, melodia e letra costumam surgir espontaneamente. A melodia me ocorre quando me ocorre a letra. Vem tudo junto. As vezes, o processo é lento, mas acaba saindo. Dias, meses ou anos depois.

Tribuna - Por Exemplo?

CAYMMI - João Valentão é um bom exemplo, porque levou nove anos para ser concluído (*gargalhadas*). Tudo começou deste jeito: "E quando o sol vai quebrando, lá pro fim do mundo, pra noite chegar. E quando se ouve mais forte o ronco das ondas na beira do mar. E quando o cansaço da vida obriga João a sentar. E quando a morena se encolhe, se chega pro lado, querendo agradar. Se a noite é de lua a vontade é contar mentira, é se espreguiçar... Deitar na areia da praia que acaba onde a vista não pode alcançar... E assim..." Figuei na dúvida e parei no assim. Só nove anos depois me ocorreu a continuação: "... e assim adormece esse homem, que nunca precisa dormir pra sonhar". Então, eu posso ter uma idéia e interrompê-la no dia seguinte, para retomá-la anos depois. De qualquer forma, a idéia sempre surge com letra e música juntas.

Tribuna - E no caso de Marina?

CAYMMI - No caso de Marina, tudo começou quando Dori tinha seus dois anos, dois anos e pouco. Eu às vezes mexia com ele e Dori, amuado, replicava: "Tô de mal!" Figuei brincando mentalmente e me ocorreu: "To de mal... De mal com você". Como você vê, comecei "Marina" ao contrário. Cheguei a pensar: "Que bonito final para o princípio de uma canção..."

Tribuna - Marina colasanti, a jornalista, escritora e feminista convicta acha Marina uma música machista...

CAYMMI - Ela tem razão. Na letra, eu digo: "Marina, morena Marina, você se pintou. Marina, você faça tudo, mas faça um favor: não pinte esses lábios..." E tudo não faça isto, faça aquilo, etc. Reconheço que ficou uma coisa machista.

TRIBUNA - Além de Marina, você tem outros clássicos com nomes de mulher, como Dora, Morena Rosa e outras. Por que (e ela me confidenciou essa pequena mágoa) você nunca fez uma composição com o título de Stela (ou, no registro civil, Adelaide Tostes Caymmi, que atura você desde 1940)?

CAYMMI - Mas está em tempo: Nunca é tarde.

TRIBUNA - E o Caymmi de 77 anos continua compondo?

CAYMMI - Claro! Outro dia mesmo, era o Dia Internacional da Mulher, eu estava aqui brincando com o violão e pensei: "Olha, tá parecendo que está ficando bom..." Tenho outras melodias fragmentadas, uma porção delas.

TRIBUNA - Para compor, você precisa de um ambiente especial, um estúdio particular, um lugar de recolhimento?

CAYMMI - Jamais. Para você ter uma idéia, um pedaço da *Lenda do Abaeté*, eu fiz na Avenida Rio Branco, em pleno Centro do Rio. Nesse tempo, eu morava na Rua São José, o Rio ainda era uma cidade tranquila que permitia longas caminhadas noturnas e quando eram oito horas, oito e meia da noite, eu costumava ir a pé até a Praça Mauá e voltar. Muitas músicas foram compostas nessas andanças. Mas, voltando à questão da música para Stela, ela a qualquer momento sai. Stela, por incrível que pareça, sem ser objetivamente Marina, ou Dora, ou outras tantas, está presente em uma porção de músicas e nem percebe. Alé que está o grande segredo: todas elas estão ligadas à pessoa que você ama, com a qual convive há 51 anos, a serem completados neste 30 de abril...

TRIBUNA - Então você se auto-presenteou?

CAYMMI - Foi o melhor presente que eu dei a mim mesmo. Há uma canção melhor do que isto? Stela é a melhor canção que eu já fiz.

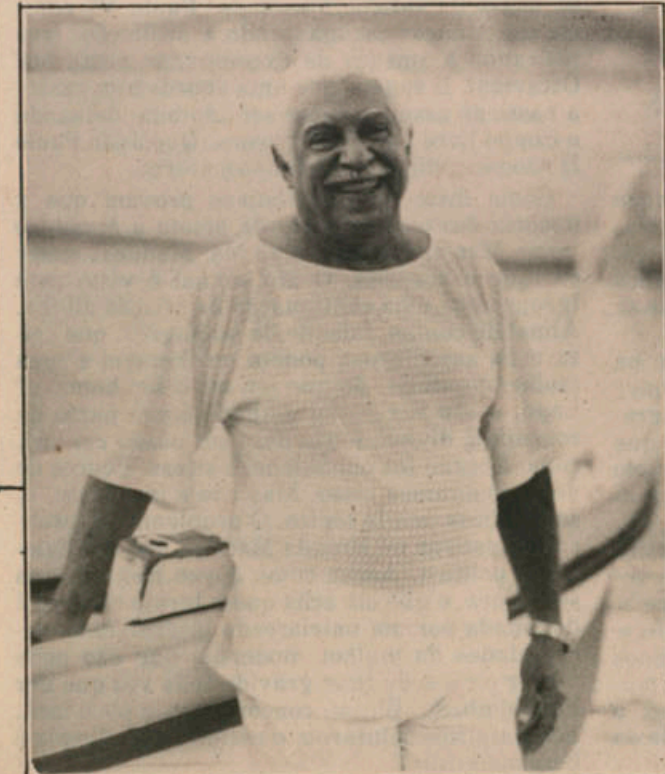
Benditas adversidades

Se tivesse cumprindo o desejo de juventude, talvez Dorival Caymmi fosse, um advogado aposentado, na sua Bahia. Se tivesse sido nomeado escrivão de coletaria fazendária, para cujo cargo passou em segundo lugar no concurso público, mas foi preterido por outros que dispunham de pistoleiros políticos, hoje ele talvez fosse um modesto funcionário público, também aposentado. Se os vinhos, licores e outras bebidas fabricadas por *são* Mariano, que Caymmi - carregando uma pesadíssima maleta com mostruário - tentou vender, sem sucesso, fossem de boa qualidade, ele talvez tivesse se transformado em um ativo vendedor praticista: deu errado, os espanhóis das mercearias recusaram o produto, Caymmi resolveu testar, com alguns pescadores; o que havia de errado. Resultado: ele e os pescadores beberam todo o mostruário, Caymmi, literalmente aliviado, devolveu a maleta a *são*

Mariano e comunicou ao pai que queria mudar-se para o Rio de Janeiro. *São* Durval de início reagiu, mas acabou por concordar: deu-lhe quinhentos mil-réis para comprar passagem e mala e o filho pegou um ita no Norte.

Graças a essas adversidades (sem esquecer de dar graças a Todos os Santos da sua Bahia), o Brasil e o Mundo ganharam um dos maiores intérpretes do sentimento do povo, autor de oitenta e sete canções, a sua terra. Quem não conhece, por exemplo, *E doce morrer no mar?*, *A Preta do Acarajé*, *Cancão da Partida* ("minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer"). *A Lenda do Abaeté*, O que é que a baiana tem?. Das rosas ("nada como ser rosa na vida..."). *Dora*, *Peguei um ita no Norte*, *Maracangalha*, *Você já foi à Bahia?*, *João Valentão*, *O samba da minha terra*, *Marina*, *Oração de Mãe Menininha*, *Dois de Fevereiro*, *Vatapá?*.

São oitenta e sete canções praieiras, sambas de roda, cantigas sobre temas folclóricos e sambas-canção de inspiração cariocas. Outros virão, pois apesar da fama de preguiçoso, esse menino que agora chega aos setenta e sete anos continua em plena atividade. Axé, Caymmi. (A.T.)



O mar que trouxe Dorival Caymmi, sempre presente nas canções, na vista do apartamento em Copacabana e na casa de veraneio em Rio das Ostras



As dezenas de bengalas acumuladas ao longo dos anos representam dezenas de histórias e doces recordações de seus melhores amigos. Uma coleção de fazer inveja aos melhores antiquários.